

O IMPÉRIO, O ORIENTE E A RESISTÊNCIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS SIGNIFICADOS HISTÓRICOS DA GUERRA DO IRAQUE.¹

Luís Antonio Groppo²

Este texto nasceu da participação numa mesa-redonda, no Centro Unisal, Americana/SP, sobre os “Efeitos da Guerra do Iraque”. O evento se realizou no dia 19 de março de 2003, na noite em que encerrava-se o ultimato de George W. Bush a Sadam Hussein, que deu início à nova Guerra do Iraque. Para a surpresa dos componentes da mesa, o auditório esteve mais que lotado, com um público muito interessado e preocupado, como demonstraram seus questionamentos bastante críticos. Já aturdidos pela guerra perversa eminente, acabamos ficando surpresos também, mas agora num sentido positivo, com o sucesso daquele evento acadêmico improvisado – organizado no dia anterior, já que o senhor Bush dignara-se a dar seu ultimato na noite de 17 de março. Ficamos felizes com a manifestação de interesse da juventude universitária, a mesma que costumamos taxar de alienada e mais preocupada em consumir nos shopping-centers. Parece que esquecíamos de que se tratava da mesma juventude que vemos na televisão ou nas nossas ruas protestando contra os efeitos negativos da globalização, contra o FMI, OMC, G8, corporações etc. A própria Guerra do Iraque irrompeu em meio a protestos mundiais – e predominantemente juvenis – em prol da paz.

São muitos os significados presentes nesta pretensa ressurreição da História (como se em algum momento ela tivesse se dado ao luxo mesmo de repousar...). As idéias deste texto nasceram no calor da hora, diante de uma guerra que – como se comprovou – parecia inevitável. Mas o meu texto irá considerar apenas alguns destes reais e possíveis significados. Minha contribuição não é tanto uma explicação da guerra em si mesma, mas principalmente uma tentativa de compreensão de alguns aspectos históricos, culturais e políticos envolvidos. Trato desta guerra, então eminente quando pensei este texto, como se ela fosse uma espécie de dramatização destes aspectos.

¹ Publicado na Revista *Idéias e Argumentos*, Americana, Centro Unisal, 2º sem. de 2003, n. 8, p. 192 a 205.

² Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Centro Unisal, Unidade Americana/SP.

Pelo noticiário veiculado pela mídia corporativa, no qual dominam principalmente as agências de notícia norte-americanas, a guerra é apresentada principalmente como uma disputa entre dois homens: George W. Bush (o presidente dos EUA) e Sadam Husseim (o “ditador” do Iraque). Na verdade, a mídia parece apenas corroborar uma visão mítica da história. A visão mítica da história é reducionista – já que ela precisa encontrar uma explicação ao mesmo tempo simplista e profunda sobre os mistérios da realidade. Para tanto, muitas vezes, ela torna-se personalista, apresentando heróis ou vilões disputando batalhas ou travando jogos de poder, manipulando multidões, povos e exércitos.

Também, mesmo que não diretamente, a grande imprensa mundial – em versões muitas vezes engolidas pela nossa imprensa e, por conseqüência, pelo senso comum – procura vender a versão de uma guerra entre dois opostos, uma visão maniqueísta do confronto. Na verdade, a guerra tem mesmo esta característica redutora e simplificadora, jogando as diversas posições, opiniões e interesses em dois únicos campos: amigos *versus* inimigos.

Deste modo, a guerra aparentemente é um confronto entre o “Bem” contra o “Mal”. No pólo positivo, segundo a versão hegemônica, “ocidental” (apesar dos protestos da França), estariam os EUA, que enfrentam o “Eixo do Mal” (no qual se inclui o Iraque). Trata-se da Justiça que combate o Terror. Trata-se do Ocidente, do desenvolvido, do civilizado e – no limite do imaginário – do cristão, que enfrenta o Oriente, o subdesenvolvimento, o bárbaro, o infiel.

Trata-se de uma visão mítica da história presente, que reduz a complexidade do problema a uma questão maniqueísta dos “bons” combatendo os “maus”. Trata-se de uma visão também valorativa, que deixa de tentar compreender a história e parte diretamente para o julgamento.

Na busca de entender esta guerra, para além desta noção mistificadora, podemos apurar causas de natureza econômica, cultural, geo-política etc., mas também, como proponho, podemos tratá-la como uma dramatização de complexas relações de forças e resistências num mundo “globalizado”. Mas, de modo algum, é possível compreender a guerra como a luta do “bem” contra o “mal”. Poderíamos ser tentados também a inverter os pólos, considerando o que antes era negativo como positivo. Mas isto continuaria a ser uma visão maniqueísta, mítica, da história, que não nos levaria a uma melhor compreensão dela.

A guerra ilustra a dualidade e a dramaticidade da história da modernização do mundo, ou globalização, que desde o início, principalmente a partir do século XX, teve duas faces opostas e ao mesmo tempo complementares. Por um lado, a história mundial moderna tem sido a de enormes possibilidades – e algumas realidades – de desenvolvimento material e cultural do ser humano e dos povos. Ao mesmo tempo, tem sido a história de desastres humanos, sociais, culturais e ambientais, colocando a vida humana sob constante ameaça, insegurança, sob constante risco de mudanças bruscas e, até, de destruição.

Durante o século XX, pelo menos a partir da Primeira Guerra Mundial, a Política como negociação, como disputa de interesses e opiniões num cenário de negociações, barganhas, compromissos e acordos, tem perdido vez cada vez mais terreno à Lógica do Terror – como prática efetiva e como linguagem política. Ou melhor, a linguagem da política tem dado vez à linguagem do Terror.³ E o pior terrorismo do século XX e XXI nunca foi daqueles identificados como “grupos terroristas” (como Osama Bin Laden e seu Al Qaeda). Foi, sim, o terrorismo do Estado, expresso em duas terríveis guerras mundiais, na Guerra Fria (que utilizou sempre a ameaça da destruição do oponente como principal recurso de “negociação” política), na Guerra do Vietnã e na Guerra do Golfo.

A principal expressão deste Terror do Estado é o fato das guerras do século XX e XXI terem vitimado sempre mais civis do que militares. A Primeira Guerra Mundial (1914-18) foi a primeira em que morreram mais civis do que soldados. A população civil, cidades, aldeias etc. passam a se tornar alvos militares. Isto significa que as guerras, ao mesmo tempo, passam a ser também “guerras civis”. Consequentemente, qualquer conflito interno, civil, tem alcance e interesse militar e mundial. É isto que explica porque a “polícia” do novo Império – os EUA –, não distingue mais situações internas e externas de conflito. Ela tem o direito e o dever de intervir em todo e qualquer lugar.

O século XX e o início do século XXI podem ser lidos também como o da Revolta do “Oriente” (ou Terceiro Mundo, ou Sul) contra o Ocidente. Primeiro, o processo de descolonização, a revolta das colônias européias na Ásia e na África contra o imperialismo, em busca de sua emancipação política. Logo surgiria também o “terceiro-mundismo”, uma

³ José ARBEX JR. **Guerra Fria**: Terror de Estado, Política e Cultura, São Paulo: Moderna, 1997.

série de ideologias de protesto e práticas políticas contra a europeização ou norteamericanização do mundo. A Guerra do Vietnã dramatizou terrivelmente estes dois fenômenos, a descolonização e o terceiro-mundismo, quando uma pequena nação do sudeste da Ásia conseguiu vencer, apesar de todo seu poderio militar, os EUA. Recentemente, a “ameaça” do Oriente tem sido o desafio econômico do Japão, Tigres Asiáticos e a China. O Leste da Ásia tornou-se, hoje, o principal centro dinâmico produtivo do mundo.⁴

Ou seja, forças sociais, políticas e econômicas poderosas, desde meados do século XX, têm posto em causa o predomínio do “Ocidente” (países ricos da Europa e EUA) sobre o mundo. Deste modo, podemos ler a globalização como uma contradição, uma dualidade entre o desejo da homogeneização (ou ocidentalização) do mundo e a heterogeneização do mundo.

O desejo de homogeneização do mundo, ou “ocidentalização” do mundo, tem sido expresso pelos projetos de predomínio econômico e político dos países ricos do Norte, e suas transnacionais, sob auxílio de instituições supranacionais como FMI, Banco Mundial, Organização Mundial do Comércio etc. Este desejo tem sido expresso em políticas de favorecimento do livre mercado mundial – para benefício das transnacionais e os interesses dos países ricos –, políticas que tem se fundamentam na dívida externa, na promessa de empréstimos e auxílio aos países pobres, na influência política nos assuntos internos de países pobres (que, devido a conflitos sociais causados pela pobreza e miséria, vivem em pé de guerra civil).⁵ E, como vemos no caso da nova guerra do Iraque, usando a força militar. Bush e os “falcões” dos EUA (que incentivam soluções militares para todos os problemas diplomáticos) representam a face mais agressiva e intolerante deste desejo de homogeneização do mundo, de hegemonia total do capitalismo controlado pelos países mais ricos e suas grandes corporações.

Na realidade, entretanto, a globalização tem incentivado muito mais o processo de diversificação do mundo: por um lado, com o aumento das desigualdades, entre povos e

⁴ Giovanni ARRIGHI & Beverly J. SILVER. **Caos e governabilidade no moderno sistema mundial**, Rio de Janeiro: Contraponto, São Paulo: Editora Unesp, 2001.

⁵ John GRAY. **Falso amanhecer**. Os equívocos do capitalismo global, Rio de Janeiro: Record, 1999. Chossudovsky, Michel. **A globalização da pobreza**. Impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial, São Paulo: Moderna, 1999.

dentro dos povos; por outro, promovendo misturas e convivências e conflitos entre povos, culturas e valores diversos.⁶

O Oriente Médio é, neste sentido, uma das encruzilhadas do mundo em processo contraditório de globalização. É um local onde tempos, espaços, culturas, religiões e valores diversos, contraditórios e até opostos têm se interpenetrado e confrontado. Primeiro, temos a tentativa do Ocidente – “cristão” e capitalista – interferir nos assuntos internos dos países do Oriente Médio: interesses em garantir e controlar as fontes de petróleo; desejos de assegurar o controle de um ponto estratégico geo-político. Segundo, a influência decisiva do islamismo, como religião e cultura. Mas a cultura islâmica está longe de ser homogênea, apresentando diversas modalidades e realidades internas que se complementam ou contrapõem: sunitas e xiitas, seculares e religiosos, fundamentalistas e moderados etc. Mas o islamismo não é a única religião do Oriente Médio. Nem mesmo entre os árabes ela é exclusiva. Existem também os cristãos no Oriente Médio, em geral ortodoxos, além, é claro, dos judeus em Israel. Em terceiro lugar, a questão étnica. A maioria dos povos vem da etnia árabe – apesar disto, nem todos os árabes são muçulmanos. Mas além dos árabes, existem outros povos que adotaram em sua maioria o islamismo, como os turcos otomanos (na Turquia) e os curdos (povo sem Estado e com território fraturado entre Turquia, Irã e Iraque, países cujos governos têm todo um histórico de violências contra o povo curdo).

Tornando ainda mais complexa a situação do Oriente Médio, na segunda metade do século XX, assim como em outras regiões do Terceiro Mundo, se deram tentativas de desenvolver o “capitalismo nacional” em diversos países. Projetos em geral fracassados, que renderam uma industrialização pequena ou relativa, causando enorme êxodo rural, inchaço urbano, pobreza e miséria.⁷

No mesmo período, foi muito presente no Oriente Médio o nacionalismo árabe e o pan-arabismo, sustentado por líderes e governantes dos Estados árabes, um tipo próprio de terceiro-mundismo que pregava a resistência contra o capitalismo ocidental. O partido de Sadam Hussein, socialista árabe, é um herdeiro destas ideologias. A idéia do nacionalismo árabe era ativar as massas árabes com tal ideologia, sustentando Estados construídos muitas vezes em “nações” artificiais, em territórios construídos sobre fronteiras decididas pela

⁶ Octavio IANNI. **Enigmas da modernidade-mundo**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

⁷ Serge LATOUCHE,. **A ocidentalização do mundo**. Ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária, 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1996 (Col. Horizontes da globalização).

colonização européia e que não refletiam tradições culturais ou históricas significativas. O próprio Iraque é um pouco isto, que se tornou no início do século XX um território “protegido” pela França e Inglaterra depois de ser retirado do Império Otomano. Pior é o caso de enclaves, pequenos países artificialmente construídos, para tentar assegurar a influência de países europeus e EUA na região durante a descolonização, como o Kwait e Qatar.

A pobreza e a miséria crescentes, ao lado de problemas sociais enormes causados por projetos frustrados de modernização (algo semelhante à história da América Latina, por sinal), têm empurrado muitas vezes as camadas populares pobres árabes aos diversos “fundamentalismos” islâmicos que têm surgido. Na caso do Al Qaeda, por exemplo, trata-se menos de usar a violência como arma para implantar uma forma extremada de moral religiosa, e mais de usar a religião em versão radicalizada para justificar o uso da violência como forma de oposição política ou resistência contra o Ocidente.

Há, enfim, a questão dos palestinos e a questão de Israel. O Estado israelense havia sido fundado depois da 2ª Guerra Mundial pela ONU, um pouco por causa do impacto causado pelo Holocausto. Os países árabes recém-formados atacaram o novo Estado no dia de sua criação, dando origem a uma situação constante de conflito entre árabes e judeus desde então. No fogo cruzado, ficaram os palestinos, hoje praticamente abandonados pelo resto do mundo, inclusive por outros países árabes. De certa forma, a “experiência” do Exército de Israel nas cidades palestinas, reprimindo a segunda Intifada, é um ensaio da ocupação norte-americana de Bagdá, usando táticas militares para destroçar a solidariedade e as formas básicas de sobrevivência de um povo, minando assim sua resistência e sua força.

Para mim, uma das principais faces reveladas nesta nova guerra é a dos Estados Unidos – seu Estado – tentando encarnar o papel de “Império”. Ou seja, os EUA se assumem como a encarnação de valores morais absolutos e universais. Mas, ao mesmo tempo, o Império precisa sempre usar a força e a intervenção para deter o que chama de constante ameaça de corrupção do mundo, garantindo a Justiça e a Segurança, detendo o Terror.⁸ O Império fabrica sua própria legitimidade, fabrica justificativas e juízos de valor

⁸ A caracterização dos EUA como “policia” do “Império” é de Michael HARDT & Antonio NEGRI. **Império**, 3ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2001.

que legitimam intervenções e usos da força militar justiceira num mundo incivilizado que precisa ser corrigido: Guerra do Golfo, Somália, Bósnia, Kosovo, Afeganistão e Iraque. Deste modo, terroristas como Osama Bin Laden e governantes criminosos como Sadan Hussein são necessários para o Império. O terrorismo tem importante papel para justificar e legitimar a ação violenta (e terrorista também) do Império. O ataque do Al Qaeda ao World Trade Center parece ter despertado a paranóia e um ímpeto vingativo neste Império que continuam a se expressar nesta nova guerra.

Por outro lado, ao mesmo tempo têm se levantado forças sociais anti-hegemônicas, lutas sociais contra a globalização e o Império. Lutas contra projetos de expansão do livre mercado mundial, contra a ocidentalização do mundo. Inclusive, forças e movimentos sociais significativos dentro do próprio “Primeiro Mundo”. São muitos os movimentos e datas que poderiam ser citados. Mas vou apenas ater-me a alguns mais ilustrativos.⁹ Primeiro, a campanha, desde o começo de 1997, da *Global Trade Watch* contra os tratados secretos na OCDE por um Acordo Mundial de Investimentos (AMI). O AMI daria extraordinários poderes ao capital internacional e corporações transnacionais, retirando-se ainda mais prerrogativas reguladoras dos Estados nacionais. Em 1998, sob pressão de diversas organizações não-governamentais mundo afora, a OCDE decidiu cancelar as negociações sobre o AMI.

Entre 14 de abril e 14 de junho de 1997, realizou-se a 1ª Marcha Européia, convocada por movimentos de desempregados europeus, culminando com protestos de 50 mil pessoas em Amsterdã.

Em novembro de 1999, contra a reunião da OMC para o início da Rodada do Milênio (novas negociações entre governos para a liberalização mundial do comércio), marcada para Seattle, aconteceram manifestações e um verdadeiro “motim” na cidade, que revelariam ao mundo a importância das resistências mundiais. Destaca-se o dia 30 de novembro, quando se deu a “Batalha de Seattle”, em que juntaram-se no final do dia 50 mil pessoas pelas ruas, depois de choques violentos contra a polícia. Durante o dia, estudantes, ecologistas, feministas, camponeses e diversos ativistas em defesa dos direitos humanos

⁹ José SEOANE & Emilio TADDEI. “De Seattle a Porto Alegre. Pasado, presente y futuro del movimiento anti-mundialización neoliberal”, In: _____ (orgs.) **Resistencias mundiales**, Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001., p. 105-129; Site do Fórum Social Mundial 2002 (<http://www.portoalegre2002.org>).

realizaram *sit-ins* (em que os manifestantes sentam-se, em forma passiva de resistência) diante de hotéis alojando delegados da OMC e principalmente em torno do Centro de Convenções em que haveria a cerimônia de abertura da Rodada do Milênio.

Em 14 de abril de 2000, Washington assiste protestos contra reunião do FMI, com 30 mil manifestantes, organizados pela coalizão de movimentos norte-americanos Mobilização pela Justiça Global. Já em 2001, em janeiro, ocorre o Fórum Social Mundial de Porto Alegre, que se torna neste ano e no seguinte um ponto de encontro geral das entidades representativas das resistências mundiais, com cerca de 15 mil participantes. Porto Alegre ainda seria sede do Fórum Social em 2002 e 2003, com crescente número de participantes.

Com medo dos protestos que se dariam contra a Reunião do Banco Mundial (Barcelona, junho de 2001), o Banco Mundial cancelara pouco antes a reunião, mas os protestos aconteceram assim mesmo, em destaque uma manifestação com cerca de 20 mil participantes no dia 24, em que houveram choques com a polícia depois que ativistas do *Black Bloc* atacaram vitrinas das lojas.

Junto com Seattle, o mais importante (e dramático) protesto se deu durante o Encontro do G-8, em Gênova, Itália, julho de 2001. O encontro se notabiliza como o primeiro em que houve uma morte durante as manifestações (de um anarquista italiano, baleado na cabeça por um policial, tudo diante das câmaras). Apesar disto, o governo italiano ainda ordenou que a polícia invadisse a escola que servia como sede do “Fórum Social de Gênova”, organizadora dos protestos, deixando mais 57 feridos. Imediatamente após a morte do ativista em Gênova, em 22 de julho, e principalmente no dia 24 de julho, muitas manifestações – pacíficas – se deram como denúncia e protesto desta morte. As principais ocorreram na Itália, reunindo um total de 100 mil manifestantes

Entre os participantes destes protestos e eventos, destacam-se menos a esquerda européia tradicional (social-democratas, socialistas e sindicatos) e mais o sindicalismo dos Estados Unidos, Coreia do Sul, Brasil e Argentina, movimentos camponeses (como o MST) e de indígenas da América Latina, movimentos de negros, mulheres e professores, além de organizações não-governamentais humanitárias e ambientalistas. São inúmeras as matrizes ideológicas daqueles que protestam contra a globalização, de moderados, como a

organização religiosa *Jubileu 2000*, a anarquistas defensores da “ação direta”, como os integrantes do *Black Bloc*.

Mas não se pode deixar de discutir que existe um “outro” lado destas forças que resistem contra a “ocidentalização” do planeta. Primeiro, Estados e partidos políticos de situação ou oposição, em diversos países do mundo, principalmente no Sul, que se opõem, por diversos motivos, à globalização e ao Império – como o próprio Iraque. Mas também o fundamentalismo religioso, e não apenas o islâmico. Enfim, grupos terroristas – ligados ou não ao fundamentalismo –, como o Al Qaeda.

É claro que as forças que resistem à globalização não podem jamais ser colocadas numa única categoria, muito menos num mesmo “exército”. Mas depois do atentado de 11 de Setembro de 2001, os movimentos de crítica à globalização, cujos movimentos foram discutidos acima, em geral, pareceram assumir uma atitude defensiva, temerosos de que o Império lançassem a acusação de que eram cúmplices dos terroristas. Na verdade, o Império chegou a fazer fortes insinuações e Bush chegou a dizer que quem não apoiasse a “cruzada” norte-americana contra o “Terror” poderia ser tratado também como adversário...

Os movimentos de protesto contra a globalização hegemônica pareciam esvaziar-se, enquanto os EUA inventavam e “ganhavam” uma Guerra no Afeganistão – contra Bin Laden e os Talebãs. De certo modo, o ataque e a destruição do Iraque parecem servir também para o Império avisar às demais forças sociais opositoras o destino que podem ter, caso levem muito adiante suas pretensões de oposição aos interesses do Império.

Ao meu ver, a nova Guerra no Iraque, colossal, avassaladora, ilegítima, injustificada, mesquinha e caprichosa, mas levada adiante por um Estado que se diz justiceiro, defensor da liberdade, da ordem, da democracia, da diplomacia, da razão e da verdade, é uma espécie de o outro lado da moeda do que nós vimos em setembro de 2001, no ataque terrorista ao World Trade Center. Indica que o lado mais feio da história do mundo moderno parece que continuará a ser dominante, indica perspectivas muito negativas para o futuro da humanidade, contra a tolerância, a capacidade de diálogo e a reciprocidade entre povos e culturas – justo aquilo que mais necessitamos para criar uma humanidade equilibrada no advento de uma “civilização mundial” em que tudo e todos, por bem ou por mal, conscientes ou não, estarão inter-relacionados e se auto-influenciando.

Mas, enquanto soldados norte-americanos e britânicos avançavam em direção à Bagdá, bombardeada dura e covardemente por “bombas inteligentes”, um nascente “contra-império” queria se ouvir mundo afora. Centenas de milhares de manifestantes, em diversos pontos do planeta, revelam talvez uma nascente “sociedade civil mundial”, que quer fazer valer seu direito de opinar. Desde o momento do ultimato de Bush, crescendo com o início da guerra, inúmeras manifestações de protesto contra a guerra do Iraque aconteceram: atos violentamente atacados pela polícia em cidades dos próprios EUA (principalmente em San Francisco), Grã-Bretanha e Austrália (apesar de seus governos terem enviado soldados para lutar ao lado dos norte-americanos), Espanha e Itália (apesar de seus governos terem declarado apoio a Bush), França e Alemanha, Bélgica e Grécia, Paquistão e Bangladesh, no Oriente Médio (Egito, Jordânia e Iêmen – em que dois manifestantes foram mortos pela polícia em 21/03), Indonésia, Tailândia e Japão, México, Colômbia, Equador, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil. Em alguns locais os protestos foram ficando mais agressivos, e a reação policial violenta, principalmente nos Estados Unidos. Fora dos EUA, embaixadas norte-americanas e restaurantes do McDonald’s, símbolos do Império, começaram a se tornar alvos preferenciais da fúria desta nascente sociedade civil.¹⁰

A reação das forças policiais contra manifestantes nos EUA tem reforçado a denúncia de que têm definhado a democracia e os direitos humanos no interior dos Estados Unidos, dentro do próprio Império que apregoa fazer a guerra mundo afora em prol destes valores universais. Em 26 de março, em Washington, até mesmo dois vencedores do Prêmio Nobel da Paz foram presos pela polícia que avançou contra os manifestantes.

É difícil não nos deixarmos cair na armadilha denunciada no início deste texto, em que a História é interpretada de modo maniqueísta como a luta do “bem” contra o “mal”. É possível, é claro, vislumbrar forças pró e contra o “Império” desenhando-se por trás da complexidade dos fatos. É claro, também, que uma guerra costuma dividir dramaticamente o universo de interesses em “amigos” e “inimigos”. Tudo isto torna difícil encontrar uma posição equilibrada hoje. A lógica maniqueísta parece empurrar os insatisfeitos a ensaiar um coro de torcida a Sadam Hussein... Talvez seja preciso ouvir melhor o que dizem os manifestantes, aprender com suas propostas, mas também com seus erros. Tratam-se de pacifistas capazes de ações agressivas (atacando embaixadas e McDonald’s), opositores da

¹⁰ Informações retiradas do *Jornal de Piracicaba*, 21, 22, 27 e 28/03/2003, Piracicaba/SP.

política de Bush que não confundem a defesa dos iraquianos com a defesa de Sadam. Manifestantes que talvez nos ajudem a aprender – enquanto eles mesmos aprendem – , que o mundo é mais diverso do que desejam os ideólogos da globalização neoliberal, mais forte, criativo e capaz de resistências do que imaginam os “falcões” do Estado norte-americano... Mundo, na verdade, carente acima de tudo de canais para o diálogo e a troca livre e enriquecedora de experiências e saberes múltiplos.

Referências Bibliográficas

ARBEX JR., José **Guerra Fria**: Terror de Estado, Política e Cultura, São Paulo: Moderna, 1997.

ARRIGHI, Giovanni & SILVER, Beverly J. **Caos e governabilidade no moderno sistema mundial**, Rio de Janeiro: Contraponto, São Paulo: Editora Unesp, 2001.

CHOSSUDOVSKY, Michel. A globalização da pobreza. Impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial, São Paulo: Moderna, 1999.

GRAY, John. **Falso amanhecer**. Os equívocos do capitalismo global, Rio de Janeiro: Record, 1999.

HARDT, Michael & Antonio NEGRI. **Império**, 3ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2001.

Jornal de Piracicaba, Piracicaba/SP, edições de 21, 22, 27 e 28/03/2003.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LATOUCHE, Serge. **A ocidentalização do mundo**. Ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária, 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1996 (Col. Horizontes da globalização).

SITE DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 2003: <http://www.portoalegre2003.org>, consultado em março de 2003.

SEOANE, José & Emilio TADDEI. “De Seattle a Porto Alegre. Pasado, presente y futuro del movimiento anti-mundialización neoliberal”, In: _____ (orgs.) **Resistencias mundiales**, Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001., p. 105-129.